

## 307 - CONVIVENDO O SERTÃO: OS PEQUENOS PRODUTORES DE SISAL RETRAMAM O ESPAÇO RURAL BAIANO

Humberto Miranda do Nascimento<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O Estado maior produtor de sisal do Brasil, a Bahia, vem ganhando cada vez mais destaque com a exportação de tapetes e carpetes por intermédio de uma organização de pequenos agricultores situada no município de Valente, a cerca de 270 km de Salvador e com 50,35% de sua população, de 19.129 habitantes, vivendo na zona rural.

A área plantada com sisal (agave sisalana) hoje está restrita a 20 municípios nesse Estado, pois segundo diagnóstico parcial, notamos que, dos 257 municípios que compõem o semi-árido baiano (resolução 10.929/94 da SUDENE), 83 deles (32%) mantiveram alguma área destinada ao cultivo do sisal nos anos 90 e, desses, apenas 20 municípios (7,8%) são os maiores plantadores, concentraram 88,5% (162,4 mil hectares) da área sisaleira total do Estado (183,4 mil hectares) e 84,5% da área total plantada no Nordeste brasileiro (192,3 mil hectares), para o ano de 1999. O Estado da Bahia representa, portanto, cerca de 95% da área sisaleira total plantada no Nordeste brasileiro.

O artigo tem como objetivo mostrar como se deu o processo de organização local, apresentar as principais transformações na lavoura sisaleira nos anos de 1990 e as perspectivas para as atividades rurais desenvolvidas na região a partir do delineamento de um modelo desenvolvimento rural sustentável. Utiliza-se de dados secundários e primários para demonstrar o crescimento da lavoura, a evolução do rendimento médio e valor da produção, bem como os benefícios às famílias rurais constatados em estudos da própria Associação e confirmados pelo autor deste artigo em entrevistas qualitativas.

### DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento incluyente, visto como uma construção social, dá visibilidade aos movimentos sociais como seus protagonistas mais importantes, pois estes levam consigo um projeto de mudança e buscam reequilibrar a correlação de forças existente ao inspirarem uma prática política participativa e ao proporem o fortalecimento e ampliação do mercado interno, para que o país ou região venha inserir-se de forma mais soberana

---

<sup>1</sup> Economista, doutorando em Economia Aplicada pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O autor conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). [beto@eco.unicamp.br](mailto:beto@eco.unicamp.br). Endereço: Rua Eleutério Rodrigues, 413 Ap. 01 – Vila Nova; Campinas/SP; CEP 13073-066.

no espaço global. Esse processo pode estar, em síntese, na base das transformações ocorridas recentemente, anos de 1990, na região sisaleira.

Para nós, esse processo marcou o empoderamento dos pequenos agricultores, ou seja, para enfrentarem problemas concretos, os quais exigiam uma consciência social maior a respeito da situação do mundo rural, foi que eles criaram não só formas de luta, mas de organização e, por conseguinte, adquiriram uma força social (enforcement) e buscaram conquistar espaços de poder (empowerment). Esse processo de empoderamento foi a fonte inspiradora das práticas que ensejaram estratégias simples para vivenciar e compartilhar saberes e aprendizados de forma coletiva e alternativa, levando ao conhecimento dos mecanismos de exclusão, para daí, interferindo na realidade, propor iniciativas socioeconômicas ousadas.

Na abordagem do “*Capital social dos territórios*”, Abramovay (2000) afirma que o mesmo se constitui sobre um determinado tecido social, sobre uma complexa e organizada trama de relações sociais de raízes históricas, políticas e culturais que deve ser considerada no processo de desenvolvimento. Aponta também para a necessidade de dotar as populações das áreas rurais de prerrogativas que as levem, realmente, a protagonizar a construção dos territórios, pois tem constatado que o sucesso de muitas experiências em áreas rurais deveram-se à ampliação do círculo de relações sociais no âmbito político, econômico e social, ou seja, a superação de obstáculos ao desenvolvimento rural vem se dando, em grande medida, através da capacidade de articulação e organização dos atores sociais.

A idéia de *capital social*, portanto, faz sentido e pode ser discutida a partir da experiência de organização dos pequenos agricultores do semi-árido baiano, abrindo-se uma perspectiva de inclusão efetiva da sociedade civil no processo de proposição e elaboração de políticas públicas, desenhando, assim, novas condições institucionais de promoção do desenvolvimento a partir do momento em que esses atores retramam o espaço rural baiano.

## CONCLUSÕES

Ressalta-se que houve uma mudança na correlação de forças existente em Valente que inspiraram uma prática política mais participativa, a qual está no bojo do fortalecimento e ampliação do mercado interno, favorecendo a construção social de um desenvolvimento econômico includente. A fonte dessa mudança foi a formação de capital social, que caracterizamos em três diferentes estágios:

**Primeiro Estágio** - durante o trabalho da pastoral rural católica, na segunda metade dos anos de 1960, as formas de coesão e interação social ocorreriam mais freqüentemente em função dos laços de sociabilidade simples (relações entre vizinhos, compromissos em função de parentescos, reuniões de caráter estritamente religioso, mutirões de trabalho, festas celebrativas, etc.), representando um estágio incipiente no que concerne à manifestação do *capital social*;

**Segundo Estágio** - momento em que a atuação do Movimento de Organização Comunitária, uma ONG, se tornou mais independente, compreendendo o início da década de 1970 e que se estendeu pela década de 1980, quando os laços de sociabilidade ganharam, daí em diante e paulatinamente, maior complexidade, isto é, as relações sociais evoluíram e permitiram que reeclodissem diversas entidades populares reprimidas (STR's, associações comunitárias, etc.), representando um estágio de florescência do *capital social*, embora de manifestação ainda pouco difundida.

**Terceiro Estágio** - período de consolidação das entidades e da conquista de espaços participativos de poder (MOC, APAEB's, STR's, Fóruns de Cidadania, Conselhos de desenvolvimento, etc.), mais autônomos e inseridos, compreendendo o final dos anos de 1980 e os anos de 1990, quando os laços de sociabilidade adquiriram suficiente complexidade, aí já em plena democracia, possibilitando o amadurecimento de um estágio de enraizamento e enredamento e, por isso, de manifestação ativa de *capital social*, em que ganhou destaque a experiência dos pequenos agricultores do município de Valente.

Esses três estágios formam a contextura de um novo espaço ou campo de poder, em que um *quantum* de forças sociais, reerguidas e renovadas, começou a transformar o sertão baiano e a estabelecer uma dinâmica de organização socioeconômica mais incluyente, sobretudo, nesses últimos 10 anos. Podemos dizer em complemento que, ante tal processo, os passos efetivos para uma transformação social mais profunda ainda não são possíveis, mas os seus caminhos já se fazem ver como parte dos fios na teia de um novo tecido social, que aqui é está representado por uma articulação bem-sucedida entre vários atores, revitalizando e re-significando todo um espaço econômico noutro tão decadente.

**LITERATURA CITADA**

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Revista de Economia Aplicada** – volume 4, n° 2, abril/junho 2000.

ALMEIDA, W. Cidadania Ativa: a experiência dos pequenos produtores rurais de Valente/BA. In: CAMAROTTI, I.; SPINK, P. (Orgs.). **Parcerias e pobreza: Soluções locais na construção de relações sócio-econômicas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 11-32.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NASCIMENTO, H. M. **Capital social e desenvolvimento sustentável no sertão baiano** – a experiência de organização dos pequenos agricultores do município de Valente. 2000. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Espaço e Meio Ambiente, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000b.

OLIVEIRA, Ildes F. de. **Construindo a cidadania: a convivência com o semi-árido**. Resultados de pesquisa. Valente/BA, 1999. (mimeo.)